

A SUBMISSÃO DA MULHER NO CONTO “RÉPLICA”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE



<https://doi.org/10.22533/at.ed.801142509059>

Data de aceite: 15/08/2025

Alana Silva Teixeira

Graduada em Letras hab. Português e Inglês pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Paulo Henrique Pressotto

Docente do curso de Letras Português e Espanhol da UEMS/Dourados e Coordenador do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras – UEMS/Dourados

RESUMO: O presente trabalho teve como propósito interpretar criticamente o conto *Réplica*, publicado no livro *No seu pescoço* (2017), da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (1977), abordando, principalmente, a representação da mulher negra nigeriana. Coube também interpretar a relação da mulher com o sistema patriarcal da sociedade nigeriana, em sua posição de submissão ao homem, alimentada, durante os anos, pela cultura. Essa submissão é constantemente reiterada na trama e é identificada em algumas passagens do conto, desde a escolha do país em que ela reside com os filhos, até o modo como ela usa o cabelo. Também foi necessário analisar a relação de sentido entre título e enredo, que possibilita entender a

“réplica” como uma metáfora, em suas várias significações: na arte, na relação de amizade, na relação familiar, dentre outros presentes na narrativa. Para tanto, utilizou-se, como metodologia, a pesquisa de cunho bibliográfico na área da Crítica Literária Feminista, com ênfase nas teóricas Beauvoir (2016), Perrot (2009), Hooks (2015), Collins (2016). Ao analisar o texto em foco, foi possível observar que a autora se utiliza de uma linguagem política para denunciar a opressão e o silenciamento da mulher negra. Por meio dos estudos teóricos, percebe-se a importância em estudar obras que tratam sobre o feminismo negro, pois, dessa forma pode-se contribuir para a desconstrução de ideias estereotipadas em relação às mulheres negras, que se originaram no período colonial e até hoje se fazem presente na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Réplica; Chimamanda Ngozi Adichie; Feminismo negro.

THE SUBMISSION OF WOMEN IN THE SHORT STORY “REPLICA” BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Abstract: The purpose of this paper was to critically interpret the short story *Replica*, published in the book *In Her Neck* (2017), by

Nigerian author Chimamanda Ngozi Adichie (1977), addressing mainly the representation of the Nigerian black woman. It was also possible to interpret the woman's relationship with the patriarchal system of Nigerian society, in her position of submission to the man, nurtured over the years by the culture. This submission is constantly reiterated in the plot and is identified in some passages of the story, from the choice of the country in which she resides with her children, to the way she wears her hair. It was also necessary to analyze the relation of meaning between title and plot, which makes it possible to understand «replication» as a metaphor, in its various meanings: in art, in the friendship relation, in the family relation, among others present in the narrative. For this, it was used, as methodology, the bibliographical research in the area of Feminist Literary Criticism, with emphasis on the theorists Beauvoir (2016), Perrot (2009), Hooks (2015), Collins (2016). By analyzing the text in focus, it was possible to observe that the author uses a political language to denounce the oppression and silencing of black women. Through theoretical studies, one realizes the importance of studying works that deal with black feminism, because in this way one can contribute to the deconstruction of stereotypical ideas in relation to black women, which originated in the colonial period and are still present in society today.

KEYWORDS: Réplica, Chimamanda Ngozi Adichie, Black Feminism.

INTRODUÇÃO

A escrita feminina negra tem ganhado um grande espaço na literatura contemporânea, por problematizar os desafios e as dificuldades do que é ser uma mulher de cor na sociedade pós-colonial. Em suas narrativas, as autoras retratam as opressões vivenciadas por essas mulheres, que são objetificadas e silenciadas perante uma sociedade patriarcal e capitalista. É na literatura escrita por mulheres negras, que as personagens dão voz a tantas mulheres oprimidas pelo sistema. Nesse contexto, ao ler o conto “Réplica”, publicado no livro *No seu pescoço* (2017), da escritora contemporânea Chimamanda Ngozi Adichie (Enugu, 15 de setembro de 1977), pode-se observar a relação de subalternidade da mulher negra com o sistema patriarcal da sociedade nigeriana. Nesse sentido, o presente artigo aborda o feminismo negro no conto *Réplica*, tema pertinente nas discussões da sociedade atual.

Chimamanda Ngozi Adichie é feminista e uma das maiores escritoras da literatura africana na atualidade. Nascida na Nigéria, escreveu seu primeiro conto aos 7 anos de idade e aos 19 anos, mudou-se para os EUA com a intenção de estudar comunicação e ciência política na Universidade Drexel. Mais tarde, fez mestrado na prestigiada Universidade Johns Hopkins e ainda estudou história africana na Universidade de Yale. Conhecida por escrever narrativas que refletem e problematizam as potencialidades e as complexidades da Nigéria, publicou seu primeiro romance *Purple Hibiscus* (Hibisco Roxo) em 2003, o segundo, *Half of a Yellow Sun* (Meio Sol Amarelo), em 2006, sendo vencedor do prêmio Orange Prize. Em 2013, publicou *Americanah* que foi considerado, pelo *The New York Times*, um dos dez melhores livros daquele ano. Também realizou palestras na conferência

do TEDx, como *We Should All Be Feminists* (Sejamos Todos Feministas), que somam mais de 20 milhões de visualizações nas plataformas digitais.

“Réplica” narra a história de Nkem, mulher negra imigrante nigeriana que após se casar com Obiora, um homem rico na Nigéria, muda-se para os Estados Unidos por decisão do marido. O casal tem dois filhos - Adanna e Okey - e mantém duas casas, uma nos EUA, onde Nkem vive com os filhos e outra em Lagos, onde Obiora passa a maior parte do tempo, indo visitar a família apenas dois meses por ano. Nkem vive uma vida submissa, em que as decisões que afetam a família são tomadas apenas pelo marido, até a aparência física da personagem é moldada para agradar ao parceiro. No entanto, após uma suposta amiga de Nkem contar que Obiora possui uma amante que vive com ele na casa de Lagos, a personagem passa a rever a própria vida e a se questionar sobre a sua complacência no relacionamento. Assim, ela passa a decidir sobre o próprio corpo e a tomar as decisões que regem a vida da família.

As obras de Chimamanda tem colaborado para que a literatura africana ganhe mais visibilidade. Suas personagens geralmente são mulheres fortes que enfrentam diversos problemas ocasionados pelas desigualdades de uma sociedade patriarcal. Com isso, surgiu o interesse em estudar o feminismo negro a partir da obra da escritora. O conto “Réplica” foi escolhido por tratar da submissão da mulher, alimentada ao longo dos anos pela cultura nigeriana. Neste conto, particularmente, a autora tem lugar de fala enquanto mulher negra imigrante e nigeriana, que são semelhanças que compartilha com a personagem Nkem. Com isso, é necessário ressaltar a importância em estudar obras que abordam a temática do feminismo, principalmente quando falam sobre as mulheres negras, pois, na sociedade contemporânea existe um forte movimento social de desconstrução de ideias estereotipadas e sexualizadas em relação às mulheres negras, ao mesmo tempo em que se busca a afirmação das identidades africanas. Dessa forma, as pesquisas nesse sentido contribuem para a desconstrução dessas ideias originadas durante o período de colonização e que até hoje fazem parte da cultura ocidental.

O trabalho apresenta os seguintes objetivos: a) interpretar o conto “Réplica”, analisando, principalmente, a representação da mulher negra, buscando compreender como a autora aborda, em aspectos específicos, a relação de submissão da mulher imigrante nigeriana perante o homem, identificando os trechos no livro que tornam essa relação evidente; b) estabelecer a relação de sentido entre título e enredo, que nos possibilita entender “réplica” em suas várias significações; c) destacar conceitos sobre o feminismo negro; d) contribuir com as pesquisas sobre o feminismo; e) contribuir com a crítica da obra de Chimamanda no Brasil, e especificamente do livro *No seu pescoço*.

A metodologia de pesquisa para a obtenção dos resultados do presente artigo foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica com leitura de textos teóricos e leituras direcionadas ao campo de pesquisa que abrange o feminismo, tais como Beauvoir (2016), Perrot (2009), Hooks (2015), Collins (2016).

FEMINISMO

Mesmo no século XXI, com o avanço da modernidade, é indubitável que vivemos em uma sociedade machista e estruturada pela desigualdade de gênero. Essas desigualdades são resultantes de uma construção histórica em que a ideologia patriarcal conduz a opressão e a discriminação das mulheres nas relações construídas socialmente, em que os direitos femininos são desrespeitados e banalizados a todo o momento por preconceitos, pelo machismo, por regimes políticos e por crenças religiosas fundamentadas em princípios conservadores e patriarcais. Assim, a construção do feminino e do masculino se dá em grande parte das sociedades, a partir de uma relação de oposição, seguindo um padrão androcêntrico, cujo modelo masculino é mais valorizado, sendo o feminino constituído como negativo, frágil, e muitas vezes incapaz de se tornar forte, daí se enraíza a relação de poder e de dominação dos homens sobre as mulheres. Para Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo: fatos e mitos* (2016), a relação entre homens e mulheres tem como base a submissão e a dominação, já que no regime patriarcal a mulher é vista como o outro, e o homem o detentor do poder, em toda a sua totalidade dentro das relações sociais.

Essa ideologia patriarcal permeia desde o início da civilização, em que as divisões sociais de tarefas entre homens e mulheres, as colocaram em uma posição de inferioridade exclusivamente pelas funções fisiológicas (gravidez, amamentação). Já o homem era visto como o provedor do sustento da família, o patriarca, a autoridade máxima e a ele devia-se respeito e obediência. Com isso, as mulheres foram marginalizadas e subjugadas ao longo dos anos, sendo excluídas da cena pública desde o início dos primeiros relatos históricos pelas funções ditadas pela “natureza” e pela vontade dos deuses/de Deus. As mulheres não podiam aparecer na História a não ser como figurantes mudas, penetrando por arrombamento ou a título de exceção (Perrot, 2009). Sobre a ausência das mulheres nos relatos históricos, a autora afirma que “O esquecimento de que as mulheres têm sido objeto não é uma simples perda de memória acidental e contingente, mas o resultado de uma exclusão consecutiva à própria definição de História, gesto público dos poderes, dos eventos e das guerras” (Perrot, 2009).

O esquecimento das mulheres ao longo dos anos é uma forma de violência do patriarcado, já que os relatos históricos geralmente eram escritos por homens e não existia a preocupação em colocar a figura feminina como personagem central da história, já que teorizar os privilégios da dominação masculina, colocaria em risco o status de dominador. Nesse sentido, por meio de fatores científicos, sociológicos e políticos que na década de 1970 passou a existir uma história das mulheres, em que a problemática da dominação explode literalmente com o desenvolvimento das interrogações feministas que denunciam a dominação de gênero, a materialidade da apropriação da classe das mulheres pela classe dos homens (Apfelbaum, 2009).

Nesse contexto, o Feminismo, que teve o surgimento das primeiras ideias ainda no século XIX em meio aos ideais iluministas e a Revolução Francesa e Americana e no mesmo século o movimento sufragista, ganha ascensão mundial no século XX como um movimento moderno que luta pela liberdade da mulher, pela igualdade de direitos sociais e políticos e contra a violência de gênero a que as mulheres são submetidas. Sobre o Feminismo, Costa apud Silva (1998) afirma que:

A consciência de gênero e as primeiras ideias feministas foram identificadas, historicamente, no bojo das transformações políticas e econômicas da Europa setecentista, conforme Sardenberg & Costa que analisam detalhadamente esse contexto em "Feminismos, feministas e movimentos sociais" (1991). O Feminismo surge e se organiza como movimento estruturado, a partir do fenômeno da modernidade, acompanhando o percurso de sua evolução desde o século XVIII, tomando corpo no século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, transformando-se, também, em instrumento de críticas da sociedade moderna. E, apesar da diversidade da sua atuação, tanto nos aspectos teóricos, quanto nos aspectos práticos, o Feminismo vem conservando uma de suas principais características que é a reflexão crítica sobre as contradições da modernidade, principalmente, no que tange a libertação das mulheres (Costa apud Silva, 2010, p. 1-2).

A ascensão do Feminismo no século XX se dá tanto na produção teórica como na prática, já que as mulheres começam a se preocupar com uma escrita feminina, que não apenas relata a história cultural das mulheres, mas que problematize sobre as questões de poder e de gênero, a exclusão dos direitos, à liberdade e as violências sofridas por elas - psicologicamente e fisicamente. Com isso, surgem os primeiros escritos feministas sobre violência sexual, violência doméstica e no trabalho, prostituição e estupro, que desencadearam novas perspectivas em um debate jurídico, no qual as feministas evoluíram da crítica do direito para à reivindicação de leis (Alemany, 2009).

O Feminismo atualmente acumula grandes conquistas que levaram décadas para serem alcançadas e que se passam desde o período colonial em que a mulher foi duplamente colonizada, até os dias atuais em que a mulher tem direito ao voto, ao divórcio, ao trabalho remunerado, entre outros. No contexto atual, o movimento feminista ainda é importante, primeiro porque a violência patriarcal ainda exerce uma forte presença na sociedade contemporânea, e segundo porque o Feminismo atualmente perpassa a questão de gênero e reivindica também contra a condição desigual com que o sistema capitalista se utiliza da divisão sexual do trabalho, com respaldo em uma educação sexista, para colocar a mulher em um lugar de desprestígio perante o homem, resultado do patriarcado capitalista.

As diferentes formas de opressão estrutural também são combatidas pelo Feminismo. Essa opressão se apresenta culturalmente e socialmente e abrange a todas as mulheres, em diversos aspectos estruturais como classe social, idade, etnia etc. Nesse sentido, são múltiplas as demandas de cada classe, pois, cada grupo específico tem as

suas especificidades e com isso, diferentes reivindicações. Devido a essas necessidades específicas, surgiram as vertentes do feminismo, em que os mais conhecidos mundialmente são: Feminismo Liberal, Feminismo Marxista ou Socialista, Feminismo Interseccional, Feminismo Radical e o Feminismo Negro. Sobre este último, o presente artigo irá se aprofundar um pouco mais.

FEMINISMO NEGRO

Com o avanço do Feminismo no mundo, as mulheres negras passaram a se questionar se as pautas reivindicadas pelo movimento, abrangem também todas as demandas e as questões pelas quais elas são afetadas. Assim, na década de 1980 e 1990, que teve como palco grandes discussões políticas acerca do feminismo, as mulheres negras buscaram expor as desigualdades sociais vivenciadas por elas, e passaram a incorporar ao movimento feminista questões de raça e classe, além das questões de gênero, que era a pauta central do movimento feminista. Em seu artigo *O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso*, Collins afirma que:

No contexto do feminismo como um movimento político global para os direitos e a emancipação das mulheres, os padrões de conhecimento e a política feminista que as mulheres afro-americanas encontram nos Estados Unidos representam apenas um pequeno segmento retratado através das políticas raciais dicotômicas da supremacia branca nos Estados Unidos (Collins, 2017, p. 12).

Assim, as mulheres negras passaram a participar das atividades feministas e dos atos de protesto como uma forma de lutar contra o feminismo excludente, já que o feminismo global é visto como um movimento pertencente às mulheres brancas, em que a participação da mulher negra se torna invisível devido ao racismo encontrado dentro do movimento feminista. Sobre essa hierarquia, Bell Hooks afirma em seu artigo *Mulheres negras: moldando a teoria feminista* que: “A condescendência que elas dirigiam as mulheres negras era um dos meios que empregavam para nos lembrar de que o movimento de mulheres era ‘delas’”. Dessa forma, surgiu a necessidade da auto nomeação “feminismo negro” e “feminista negra”. Sobre isso, Collins afirma no trecho a seguir:

Usar o termo “feminismo negro” desestabiliza o racismo inerente ao apresentar o feminismo como uma ideologia e um movimento político somente para brancos. Inserindo o adjetivo “negro” desafia a brancura presumida do feminismo e interrompe o falso universal desse termo para mulheres brancas e negras. Uma vez que muitas mulheres brancas pensam que as mulheres negras não têm consciência feminista, o termo “feminista negra” destaca as contradições subjacentes à brancura presumida do feminismo e serve para lembrar as mulheres brancas que elas não são nem as únicas nem a norma “feministas” (Collins, 2017, p. 13- 14).

Partindo desse pressuposto, Bell Hooks também defende a necessidade de um pensamento feminista a partir das vivências de mulheres negras, já que as experiências dessas mulheres são constituídas por fatores históricos e políticos diretamente ligados à hegemonia racista, classista e sexista dominante. Segue o trecho abaixo:

Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que “todas as mulheres são oprimidas”. Essa afirmação sugere que as mulheres compartilham a mesma sina, que fatores como classe, raça, religião, preferência sexual, etc. não criam uma diversidade de experiências que determina até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade. Ser oprimida significa ausência de opções. É o principal ponto de contato entre o oprimido(a) e o opressor(a) (Hooks, 2015, p. 197).

Nesse contexto, foi também entre a década de 80 e 90 que o feminismo africano emergiu da luta pelos direitos das mulheres negras africanas. Para o feminismo africano, além das questões de gênero, classe e raça, as questões de etnicidade, também devem ser incorporadas ao feminismo ocidental, pois o continente africano é um território muito vasto e por conta disso, o feminismo africano não pode ser entendido por meio de uma visão homogênea, já que engloba uma grande diversidade histórica e cultural. Como também, o movimento deve englobar questões ligadas ao imperialismo e ao colonialismo. Isso porque, no processo de colonização as mulheres africanas foram subjugadas e duplamente colonizadas, sofrendo assim opressões relacionadas não só ao corpo, mas também à própria identidade.

Mesmo o continente africano tendo se libertado de governos coloniais e tiranos, que foram implantados desde a época da colonização europeia, esses governos deixaram um vasto histórico de repressão sociocultural que mesmo com um domínio africano na era pós-colonial, as mulheres africanas ainda sofrem a opressão de um sistema patriarcal que é seguido por diversos países do continente africano. Desse modo, quando o colonizador chegou ao continente, inseriu a ideia de que a mulher era predestinada ao lar e a ser submissa aos homens, negando a relatividade das mulheres e estabelecendo o homem como única alteridade. Devido a isso, a mulher africana, enquanto sujeito colonizado, é marginalizada constantemente.

O gênero, a raça/etnia e a classe social, sendo todos fenômenos que estruturam relações sociais, apresentam suas peculiaridades, porque se inscrevem no domínio da história. Ainda que as relações de gênero tenham traduzido sempre, até o presente, a supremacia masculina, esta se realiza em graus diferentes e de formas distintas, conforme o período histórico (Saffioti, 1995, p. 17).

O sistema patriarcal que está enraizado na sociedade africana, reitera constantemente a dominação sofrida pelas mulheres devido à supremacia masculina, por meio de violências físicas e psicológicas, não só por meio das relações familiares, como também dos sistemas de governo. Nesse sentido, Erika Apfelbaum afirma que:

Toda relação de dominação entre dois grupos ou duas classes de indivíduos, impõe limites, sujeição e servidão àquele(a) que se submete. Ela introduz uma dissimetria estrutural que é, simultaneamente, o efeito e o alicerce da dominação: um se apresenta como representante da totalidade e o único depositário de valores e normas sociais impostas como universais porque os do outro, são explicitamente designados como particulares (Apfelbaum, 2009, p. 76).

Já no que tange a Nigéria, país da autora Chimamanda e um dos espaços da trama narrada no conto “Réplica”, os estudos acerca do feminismo negro começaram ainda durante o século XX, nos anos 90. A Nigéria é regida por um sistema patriarcal, em que apenas os homens legislam sobre o direito da mulher e aquelas que se denominam feministas não são bem-vistas perante a sociedade. O movimento feminista é recente no país e tem avançado cada vez mais, porém, o governo nega qualquer reivindicação que envolva igualdades de oportunidades para todos e questões de gênero. Como afirma Saffioti: “Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado” (SAFFIOTI, 2015, p. 57). Diante do exposto, cabe interpretar o conto “Réplica” observando na escrita da autora nigeriana Chimamanda, como acontece a representação social da mulher negra imigrante nigeriana por meio da personagem Nkem.

SUBMISSÃO DA MULHER

O conto “Réplica”, narrado em terceira pessoa, relata a vida da família de Nkem, uma mulher negra nigeriana, que imigra para os Estados Unidos, após o marido se tornar um grande homem de negócios, como é conhecido popularmente na Nigéria. A trama acontece em dois espaços em que a família reside, o primeiro é na Nigéria, onde foi comprada a primeira casa para a família, o outro nos Estados Unidos, para onde Nkem se muda, após engravidar da primeira filha. É importante pontuar que todas as decisões acerca da vida do casal são tomadas unicamente pelo marido, cabendo a esposa apenas aceitar, sem questionar tais decisões. Nesse sentido, será analisada a relação de subalternidade da mulher negra nigeriana por meio da representação da personagem Nkem, observando os pontos na narrativa em que os fatos acontecem. Essa relação pode ser observada em vários pontos da trama, como a escolha da residência fixa da esposa e dos filhos, a presença do marido em meio a família, a escolha da escola das crianças e se estende até o próprio corpo da personagem.

Com isso, podemos observar que a personagem se encontra em uma posição de submissão ao homem, o que é uma característica do patriarcalismo enraizado em toda a sociedade mundial, e principalmente, em países regidos por uma ideologia patriarcal dominante, como é o caso da Nigéria. Essa dominação patriarcal é constantemente

reiterada na trama e uma das primeiras situações que relata a submissão da personagem Nkem acontece após a ascensão econômica de Obiora, quando ele decide comprar uma casa nos EUA para a esposa viver com os filhos, enquanto ele reside na Nigéria.

Eles nunca decidiram que ela ficaria com as crianças - Okey nasceu três anos após Adanna. Simplesmente aconteceu. Da primeira vez, quando ainda só havia Adanna, Nkem ficou mais tempo que Obiora nos Estados Unidos para fazer alguns cursos de computação, porque ele disse que era uma boa ideia. Depois, Obiora matriculou Adanna na creche quando Nkem estava grávida de Okey. Depois, encontrou uma boa escola fundamental privada e disse que era uma sorte ser tão perto dali. Só quinze minutos de carro para levar Adanna. Nkem nunca tinha imaginado seus filhos na escola, sentados ao lado de crianças brancas cujos pais eram donos de mansões em colinas solitárias, nunca tinha imaginado aquela vida. Por isso não disse nada (Adichie, 2017, p. 34).

Nessa passagem, fica claro que Nkem não participa de nenhuma das decisões que afetam diretamente a vida da família, ela apenas reflete silenciosamente sobre elas, como é percebido por meio do narrador onisciente. Como também ela nunca imaginou aquela vida para a família, já que criar os filhos em uma cultura totalmente diferente a cultura de seu país, era uma vontade de Obiora e não de Nkem, como nesse trecho: “Mas ela sabia que ele também queria que seus filhos fossem como os filhos dos vizinhos, o tipo de criança que virava a cara para a comida que tinha caído no chão, dizendo que estava suja” (Adichie, 2017, p. 31). Em outra parte da narrativa, quando ela relata a Obiora que os novos vizinhos passaram a questioná-la sobre a ausência do marido, ele ri da situação. Segue-se abaixo:

Obiora riu quando ela lhe contou sobre a curiosidade dos vizinhos sobre eles. Ele disse que o povo oyibo era assim. Se você fazia alguma coisa de um jeito diferente, pensavam que você era estranho, como se o jeito deles fosse o único possível. E, apesar de Nkem conhecer muitos casais nigerianos que viviam juntos durante o ano todo, não disse nada (Adichie, 2017, p. 32).

Pode-se perceber que nos dois trechos citados acima, apesar da personagem refletir a cada decisão tomada pelo companheiro, ela não o contesta. Isso acontece porque a submissão é algo cultural no país de origem do casal, em que a mulher nigeriana sofre opressão física e psicológica e é vista pela sociedade como posse do homem e apenas ele tem o direito de decidir sobre a vida dela. Outro ponto importante é a forma como a autora utiliza o mesmo termo para se referir a reação de Nkem nos dois parágrafos, “não disse nada”, deixando evidente que a personagem assume uma posição de silenciamento, ficando à margem de qualquer tipo de decisão sobre a própria vida e apenas obedecendo às ordens do marido. Nesse contexto, o silenciamento contribui para a subjetivação feminina, fazendo com que a mulher não seja reconhecida como um sujeito social e privando-a de liberdade. Sobre a submissão das mulheres, perante o sistema patriarcal nigeriano, a feminista nigeriana Jane Aransiola relata o seguinte:

No meu país de origem, as desigualdades de gênero são imbricadas nas nossas culturas, costumes e tradições que se torna quase impossível notá-las e assim sem poder questioná-las. Desde criança, as garotas são criadas para serem boas esposas, elas têm que saber cozinhar e gostar de cuidar dos afazeres de casa. Como garota, cresci ouvindo a frase repreensiva: 'é assim que vai ser quando for casada? Nenhum homem vai gostar disso'. Aos poucos isso é internalizado e influencia na busca pelo que consideram a sua maior realização, o casamento (Aransiola, 2019, p. 127).

Conforme a feminista supracitada, a cultura nigeriana é extremamente machista e o casamento é visto na sociedade sob a ótica do patriarcado, onde as mulheres são criadas para agradar aos homens, o que nos faz compreender a relação conjugal de Nkem. Nesse sentido, Bonnicci assinala que “Em todas as ocasiões, elas enfrentam a ideologia patriarcal/colonial, representada ou por personagens concretos (pai, marido, empregadores, professores) ou pelo sistema capitalista e suas consequências (o racismo, os resquícios de apartheid, a exclusão, a subalternação)” (BONNICCI, 2006, p. 23). Desse modo, a submissão presente no conto vai além das decisões tomadas sobre a vida da família, ela acontece também no corpo de Nkem, em que a personagem molda o próprio corpo para satisfazer as vontades do marido. Segue abaixo o trecho:

Nkem suspira, passa a mão no cabelo. Ele está grosso demais, velho demais. Ela planejava retocar o relaxante no dia seguinte, e fazer um penteado deixando o pescoço definido, do jeito que Obiora gosta. E, na sexta-feira, planejava depilar seus pelos pubianos com cera até deixar uma lista estreita, do jeito que Obiora gosta (Adichie, 2017, p. 34- 35).

Novamente Chimamanda utiliza-se da linguagem ao usar o termo “do jeito que Obiora gosta”, para enfatizar a submissão de Nkem, com isso, a autora deixa claro, mais uma vez, a relação de subalternidade, em que a personagem vive em função do marido, abrindo mão de suas preferências sobre o próprio corpo, o que caracteriza uma dependência emocional. Essa relação em que o homem se apresenta como única alteridade, faz com que a mulher se anule como pessoa para priorizar o outro. Para Beauvoir “O que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro” (BEAUVOIR, 2016, p. 30). Assim, o homem é soberano e goza de suas vantagens, já a mulher é o outro.

Outro ponto importante da trama, é que além da dependência emocional da personagem, também existe uma dependência financeira. Obiora faz parte do clube dos “Homens Nigerianos Ricos que Têm Casas nos Estados Unidos” (Adichie, 2017, p. 34), e “Ele foi incluído numa lista de Cinquenta Empresários Mais Influentes da Nigéria [...]” (Adichie, 2017, p. 34), o que deixa claro o poder aquisitivo e financeiro de Obiora, ele é o provedor de todo o sustento da família. Já Nkem, não possui um trabalho remunerado ou nenhum tipo de renda, mas vive em uma mansão nos Estados Unidos com uma empregada e os filhos e leva uma vida confortável “Ela vai ao pilates duas vezes por semana com a

vizinha; assa biscoitos para a escola dos filhos, e os seus são sempre os preferidos de todo mundo; espera que os bancos tenham drive-ins. Os Estados Unidos a conquistaram, se enraizaram sob sua pele” (Adichie, 2017, p. 45). Com isso, percebe-se que a personagem já se adaptou a viver nos Estados Unidos, rodeada de luxo, conforto e segurança, o que não é possível na Nigéria, já que por ser um país subdesenvolvido, não consegue ofertar aqueles que pertencem a uma classe econômica mais alta, uma vida confortável e segura.

Essa posição subalterna só começa a mudar, após Nkem descobrir que o marido tem uma amante, uma jovem de cerca de 20 anos, que está vivendo na casa da família em Lagos. Ao descobrir a traição, ela passa a repensar toda a sua vida e daí o desenrolar da trama acontece, pois, ela deixa de ser submissa ao marido e a usar o próprio corpo para agradá-lo, “Nkem não depilou os pelos pubianos; não há uma faixa estreita entre suas pernas quando ela vai de carro até o aeroporto buscar Obiora” (Adichie, 2017, p. 45). Esse é um dos pontos em que a personagem começa a alterar o comportamento em relação ao marido, ela também corta o cabelo e começa a moldar a aparência de forma contrária ao que ele gostava, como uma forma de rebeldia:

‘Por que você cortou o cabelo?’ pergunta Obiora.

‘Você não gostou?’

‘Eu adorava seu cabelo comprido.’

‘Você não gosta de cabelo curto?’

‘Por que você cortou? É a nova tendência nos Estados Unidos?’ Ele ri tirando a camisa para entrar no banho (Adichie, 2017, p. 47).

Nesse diálogo, Nkem ainda tenta provocar o marido, mas ele desconversa. Também é possível observar uma postura diferente do marido de Nkem, que ao voltar para casa, como se estivesse desconfiado de que a esposa estivesse sabendo do seu romance extraconjugal, tenta agradá-la, a fim de continuar exercendo um certo domínio sobre ela. Ele a presenteia com uma obra de arte original, após passar anos dando apenas réplica para ela “Ela tem manchas, é em tamanho real e possui um turbante. É a primeira peça original que Obiora trouxe” (Adichie, 2017, p. 46). Ainda assim, a personagem comunica a decisão de voltar a morar em Lagos com a família,

‘Vamos voltar para lá quando acabar o ano escolar. Vamos voltar a morar em Lagos. Vamos voltar.’ Nkem fala devagar, para convencê-lo e para convencer a si mesma. Obiora continua a olhá-la e ela sabe que ele nunca a ouviu erguer a voz, nunca a ouviu tomar uma decisão. Nkem sente uma vaga dúvida, perguntando-se se foi isso que o atraiu antes de tudo, o fato de ela adiar-se tanto, de deixar que ele falasse pelos dois (Adichie, 2017, p. 49).

A decisão tomada por Nkem é recebida com surpresa pelo marido, que como o narrador deixa claro, nunca a ouviu erguer a voz e tomar uma única decisão. Dessa forma ele recebe a decisão da esposa com uma certa hesitação “‘Se é isso que você quer’, diz Obiora, após alguma hesitação. ‘Nós podemos conversar’” (Adichie, 2017, p. 49), então

Nkem se mantém firme em sua decisão: “Ela o vira de costas gentilmente e continua a ensaboá-lo. Não é preciso conversar sobre mais nada, Nkem sabe. Está decidido” (Adichie, 2017, p. 49). A personagem então assume a posição de sujeito social e retoma o controle de sua vida e de seu casamento.

SENTIDO DE “RÉPLICA” NO CONTO

Ao analisar o sentido do título “réplica” no conto, é possível observar que são várias as suas significações e se estendem desde as réplicas dos objetos de arte, até o comportamento dos personagens da trama. Segundo o Dicionário Caldas Aulete Digital, “réplica” significa “reprodução muito parecida com a original” (2022). Desse modo, “réplica” se apresenta como uma metáfora em que a autora revela os seus significados nas entrelinhas do texto. A narrativa se inicia com Nkem fitando a máscara do Benin, enquanto acaba de saber, por uma suposta amiga ao telefone, que o marido possui uma amante. A máscara é uma das diversas peças que estão espalhadas por toda a casa da família, elas são levadas por Obiora a cada vez que ele vai aos Estados Unidos e a cada nova réplica, ele conta uma história sobre a origem da peça a Nkem. Por diversas vezes durante a narrativa, Nkem analisa as réplicas de arte, observando cada detalhe e refletindo acerca de suas histórias. Com isso temos o primeiro sentido de “réplica” no conto, as réplicas da arte africana, em seu sentido literal. Segue o fragmento em que esse aparece:

Ao voltar para a sala, olha para a máscara do Benin, cor de cobre, com feições abstratas, grandes demais. Os vizinhos dizem que a máscara é “nobre”; por causa dela, o casal que mora a duas casas dali começou a colecionar arte africana, e eles também se contentam com boas réplicas, embora gostem de conversar sobre como é impossível encontrar originais (Adichie, 2017, p. 30).

Percebe-se que a autora constrói o texto de uma forma em que as palavras são empregadas para causar um duplo sentido, já que podemos entender a descrição da máscara como também a descrição de alguns membros da família. Como já foi dito anteriormente, a família possui duas casas, uma na Nigéria em que Obiora passa a maior parte do ano, e outra nos Estados Unidos, em que Nkem vive o ano inteiro com os filhos. Eles se reúnem apenas no Natal, quando Nkem vai à casa de Lagos e durante o verão, quando Obiora passa dois meses com a família. Durante todo o resto do tempo, a relação familiar acontece por meio de curtas ligações ao dia. Desse modo, podemos perceber que “réplica” trata também sobre a relação familiar dos personagens, que se configura aqui como uma réplica de uma estrutura familiar.

Obiora ficou na casa durante os primeiros meses, por isso os vizinhos só começaram a perguntar por ele mais tarde. Onde estava o marido dela? Tinha acontecido alguma coisa? Nkem disse que estava tudo bem. Ele vivia na Nigéria e também nos Estados Unidos; eles tinham duas casas. Ele viu a desconfiança nos olhos deles, percebeu que estavam pensando em outros casais com segundas casas em lugares como Flórida ou Montreal, mas eram casais que habitavam cada uma das casas ao mesmo tempo, juntos (Adichie, 2017, p. 32).

Como podemos notar, essa situação em que a família possui duas casas e a estrutura familiar é dividida entre dois locais e duas culturas diferentes, não só causa uma certa estranheza aos vizinhos do casal, mas incomoda também a Nkem, que passa boa parte da trama refletindo sobre o rumo que a sua vida tomou, principalmente após a descoberta da traição. Nkem sabe que na verdade, a família se tornou uma réplica de tudo o que ela esperava. Ela sente falta da convivência com o marido e de um relacionamento normal aos olhos de todos. Por isso, assim que Obiora retorna aos EUA, Nkem o questiona sobre o casamento “‘Nós podemos mesmo espremer um ano inteiro de casamento em dois meses de verão e três semanas de dezembro?’, pergunta Nkem. ‘Podemos comprimir o casamento?’” (Adichie, 2017, p. 48). Com isso, percebe-se o sentido de “réplica” também no casamento, pois o relacionamento do casal é comprimido em apenas um pouco mais de dois meses por ano.

Outro ponto importante que também é observado como um sentido de réplica no conto, é a figura do patriarca da família. Obiora, um homem de negócios da Nigéria, vive viajando a trabalho e mantém residência fixa em Lagos. Dessa forma ele não participa ativamente da criação dos filhos, apenas fala com eles algumas vezes por semana e deixa a cargo da esposa a responsabilidade de criá-los. Nkem também se incomoda com essa situação, “Na próxima semana, seus filhos dirão ‘papai’ para uma pessoa de verdade, não uma voz no telefone; ela vai acordar de noite e ouvir alguém roncando a seu lado; vai haver outra toalha usada no banheiro” (Adichie, 2017, p. 33). Ao empregar o termo “uma pessoa de verdade”, a autora traz para a narrativa a ideia de que o pai é uma figura abstrata, e conseqüentemente, uma réplica de pai. Também fica claro o distanciamento entre os integrantes dessa relação familiar, que se desgasta a cada dia mais, como podemos observar em um outro momento, por meio das reflexões de Nkem, a preocupação dela acerca da paternidade ausente do marido para com os filhos do casal, “Nkem os observa. Logo, não vão mais poder ser seduzidos com brinquedos e viagens de férias e vão começar a questionar um pai que veem tão poucas vezes por ano” (Adichie, 2017, p. 46).

Seguindo com a perspectiva de desvendar os sentidos de Réplica no conto, é preciso observar a figura da amante. Quando a amiga de Nkem liga para contar sobre o suposto relacionamento de Obiora, ela descreve a tal moça para Nkem.

‘Ela é jovem. Deve ter uns vinte anos’, diz sua amiga Ijemamaka ao telefone. Tem o cabelo curto e crespo; você sabe, com aqueles cachinhos bem pequenos. Não deve usar relaxante. Acho que deve ser um texturizador. Ouvi dizer que agora os jovens gostam de texturizadores. Eu não ia falar nada, Sha, sei como são os homens, mas ouvi dizer que ela se mudou para a sua casa (Adichie, 2017, p. 29).

Ainda transtornada com a descoberta da traição do marido, Nkem passa a refletir sobre o relacionamento do casal e toma uma atitude:

Ela pega a tesoura, aquela que usa para cortar as fitas de cabelo de Adanna em laços mais definidos, e leva até a cabeça. Agarra tufo de cabelo e corta rente ao couro cabeludo, deixando os fios do comprimento de uma unha, longos o suficiente apenas para formar pequenos cachos com um texturizador (Adichie, 2017, p. 3)

Nos trechos citados acima pode-se perceber que após ouvir a descrição da amante do marido, Nkem corta o cabelo da mesma forma que o dela, se tornando assim uma imitação da amante. Isso fica mais evidente ainda nessa passagem do conto, logo após Nkem falar com o marido ao telefone “Larga o telefone, diz a Amaechi que já volta e dirige até o Walgreens para comprar uma caixa de texturizador. No carro, acende a luz e olha a caixa, vendo as fotos das mulheres com cachinhos bem curtos” (Adichie, 2017, p.40). Apesar de entendermos que o corte do cabelo também se configura como uma forma de rebeldia para confrontar o marido, ainda assim, a personagem não deixa de se tornar uma réplica da amante, ao se utilizar de todos os artifícios para que o cabelo se torne idêntico ao da jovem de vinte anos, como descrito pela amiga.

Mais um ponto que podemos perceber como réplica é sobre a amizade de Nkem e Ijemamaka. Ainda sobre a traição do marido delatada pela amiga, Nkem reflete: “Talvez devesse duvidar; devesse lembrar da inveja frágil de Ijemamaka, da maneira que ela sempre arranjava um comentário maldoso que diminuísse Nkem” (Adichie, 2017, p. 42). Aqui percebe-se que não existe uma relação de confiança entre Nkem e Ijemamaka, já que ela considera a amiga uma invejosa. Desse modo, a relação das duas também se configura como uma réplica de uma amizade verdadeira, já que Nkem descreve Ijemamaka como a imitação de uma amiga. Réplica também se estende aos ingredientes utilizados pela empregada de Nkem para replicar os pratos da Nigéria:

Ela está cortando as batatas em quatro pedaços. Na Nigéria, ela teria usado inhame para fazer a sopa *ji akwukwo*, mas, ali, quase não se encontra inhame na loja de produtos africanos - inhame de verdade, não as batatas fibrosas que os supermercados americanos chamam de inhame. Uma réplica de inhame, pensa Nkem, e sorri (Adichie, 2017, p. 40).

Dentre todos os sentidos de réplica na narrativa, o que mais incomoda de fato a Nkem é a estrutura familiar totalmente disfuncional que se transformou a sua família. Mesmo com o relacionamento indo de mal a pior, a personagem ainda se utiliza de uma última tentativa para manter a família unida, quando ela decide ir embora dos EUA para viver na Nigéria ao lado do marido, “‘Eu quero saber quando chega um empregado novo na minha casa’, diz ela. ‘E as crianças precisam de você’” (Adichie, 2017, p. 49). Com isso, é possível perceber o esforço de Nkem para tentar resgatar a sua vida de volta na Nigéria e deixar a réplica de uma vida nos EUA para trás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura aborda temas importantes, que podem ser observados na sociedade ao longo dos anos, como a histórica luta feminista contra o patriarcado e as desigualdades de gênero, que são constantemente debatidos nas obras contemporâneas. Isso se deve a importância em utilizar a literatura como um instrumento político social para criticar e denunciar os problemas existentes na sociedade. Desse modo, no conto “Réplica”, Adichie se utiliza de uma Literatura Política para denunciar a posição da mulher negra nigeriana perante o sistema patriarcal da Nigéria. No conto, a submissão feminina é constantemente reiterada na trama e pode-se observar em vários pontos, como a escolha da residência fixa da família, a escolha da escola dos filhos, a presença do marido em meio a família, e se estende até o próprio corpo da personagem. Assim, todas as decisões acerca da família são tomadas pelo homem, que assume uma posição de dominador, e à mulher cabe apenas aceitar o lugar de silenciamento. Desta forma, o tema abordado no presente artigo é de suma importância, pois, o feminismo negro surge para combater, principalmente, o machismo predominante em países regidos por uma ideologia patriarcal, como é o caso da Nigéria.

Outra questão analisada neste trabalho, trata-se do sentido de “réplica” na trama. Ao interpretar o conto é possível perceber que “réplica” se apresenta como uma metáfora, em que a autora revela os seus significados nas entrelinhas do texto. Desse modo, pode-se entender vários sentidos para “réplica”, como: peças de arte, relação familiar, o casamento, a figura do pai, a figura do marido, a cópia da amante, a relação de amizade e até mesmo, nos alimentos. Assim, percebe-se no texto que toda a vida de Nkem é uma verdadeira réplica, que gira em torno das vontades de Obiora.

Por fim, cabe destacar que a literatura africana tem ganhado cada vez mais visibilidade mundial, por meio de autoras como a própria Chimamanda Ngozi Adichie, que problematiza em suas narrativas, as potencialidades e complexidades de ser uma mulher negra em meio a opressão e a discriminação de uma sociedade patriarcal. Assim, estudar obras que tratam sobre o feminismo negro é importante para contribuir com a desconstrução de ideias estereotipadas em relação as mulheres negras, que até hoje se fazem presentes na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Réplica. No seu pescoço*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALEMANY, Carme. Violências. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 25- 30.

APFELBAUM, Erika. Dominação. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 76- 80.

ARANSIOLA, Temítipe Jane. Mulher negra africana: uma narrativa autobiográfica das experiências de uma nigeriana e suas relações com o feminismo negro. *Travessias*, Cascavel, v. 13, n. 3, p. 123–135, 2019. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/23614>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. 2. ed. Maringá: Eduém, 2012.

COLLINS, Patricia Hill. “O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro além disso”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 51, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201700510018>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 16, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>>. Acesso em 03 de dez. 2022.

PERROT, Michelle. História (sexualização da). In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 111-116.

RÉPLICA. In: *Dicionário Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2022. Disponível em: <<https://aulete.com.br/r/%C3%A9plica>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth e ALMEIDA, Sueli de Souza. *Violência de gênero: poder e impotência*. 1. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. Feminismo Radical - Pensamento e Movimento. *Travessias*, Cascavel, v. 2, n. 3, 2010. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3107>>. Acesso em: 04 nov. 2022.